



Jornalismo e desigualdade: marcadores de classe social nas vozes do discurso de uma grande reportagem

Rafael Rangel Winch¹

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Resumo: A pesquisa identifica e discute os marcadores de classe social nas vozes do discurso de uma grande reportagem. O produto jornalístico analisado é uma matéria de fôlego do programa *Caminhos da Reportagem*, da TV Brasil. Tais marcadores são pensados como núcleos de sentidos que denotam certas características das classes populares, especialmente dos indivíduos em situação de pobreza extrema. O gesto interpretativo está ancorado nas reflexões do sociólogo Pierre Bourdieu sobre as classes sociais, que enfatizam sobretudo o conceito de *habitus*. Além disso, faz uso de contributos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa, a AD, área do saber que pensa o discurso sempre como um efeito de sentidos e regido por determinadas condições de produção.

Palavras-chave: telejornalismo; classe social; discurso; vozes; *habitus*.

1. Introdução

Reconhecer a relevância do conceito de classe social na atualidade significa não ignorar os privilégios de poucos e as mazelas de muitos que contribuem para girar a

¹ Jornalista. Doutorando do PPGJOR/UFSC. Bolsista Fapesc/Capes. E-mail: rangelrafael16@hotmail.com

roda do sistema vigente. Os espaços das sociabilidades cotidianas são conformados em diferentes níveis e formas pela dimensão da classe social. Estamos diante de uma poderosa categoria estruturante das percepções e práticas humanas que se manifesta tanto em âmbitos sociais basilares como a família e a escola, como em esferas institucionalizadas do poder político, econômico e jurídico. Sua existência material e simbólica também se inscreve em atividades, processos e produtos do campo da comunicação e da cultura, tais como: o jornalismo. Considerando o cenário atual de aprofundamento da pobreza², a classe social reemerge como noção relevante para se investigar como o fazer jornalístico, especialmente o de caráter televisivo, se posiciona discursivamente num contexto de assimetrias e injustiças.

A desigualdade social, fenômeno umbilicalmente associado à questão das classes, é constantemente naturalizada nos mais variados discursos, incluindo o jornalístico. As construções discursivas não raras vezes enfocam o sofrimento dos mais pobres apenas num plano individual, sem levar em consideração os processos históricos que estruturam as distinções entre as pessoas. São discursos que consideram apenas as características dos indivíduos para explicar uma condição de pobreza, além de apelarem para leis econômicas, apresentando-as como naturais, imutáveis e independentes da ação humana (REGO, PINZANI, 2013).

Neste artigo, busco identificar e discutir os marcadores de classe social nas vozes do discurso de uma grande reportagem. O produto jornalístico analisado é uma matéria de fôlego do programa *Caminhos da Reportagem*, da TV Brasil. Tais marcadores são pensados como núcleos de sentidos que denotam certas características das classes populares, especialmente dos indivíduos em situação de pobreza extrema. Além disso, também evidencio determinadas posições discursivas ocupadas pelas fontes das classes populares.

O gesto interpretativo está ancorado nas reflexões do sociólogo Pierre Bourdieu sobre as classes sociais, que enfatizam sobretudo o conceito de *habitus*, bem como em

² De acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH), elaborado pelas Nações Unidas e divulgado em 2017, o Brasil é o décimo país mais desigual do mundo. Já conforme a Pesquisa Desigualdade Mundial 2018, coordenada, entre outros, pelo economista francês Thomas Piketty, o país de destaca como o mais desigual do mundo em termos de distribuição de renda. Quase 30% da renda do país está concentrada nas mãos de apenas 1% da população.

contributos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa, a AD, área do saber que pensa o discurso sempre como um efeito e regido por determinadas condições de produção.

2. Classe social pelas lentes teóricas de Pierre Bourdieu

A partir de uma perspectiva com ênfase na cultura, Pierre Bourdieu considera que toda classe social se manifesta nas relações entre agentes situados em posições próximas no espaço social e com um mesmo tipo de capital. Não se trata apenas do capital econômico, mas antes de tudo simbólico, imaterial. Sua concepção de classe social não invalida o peso de fatores como a renda, mas trata essa dimensão mais como um efeito do que uma causa das desigualdades. Para o autor, as lutas simbólicas do cotidiano atuam fortemente na classificações dos indivíduos na estrutura social.

Com base no conhecimento do espaço das posições, podemos recortar classes no sentido lógico do termo, quer dizer, conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm, com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posição semelhantes. (BOURDIEU, 1999, p. 136)

Para o autor, classe social é um conceito relacional que depende das vivências, do trajeto dos agentes numa dada sociedade e num dado momento histórico. Nesta lente conceitual, a posição de um indivíduo ou de um grupo no espaço social nunca é definida somente com base num ponto de vista estritamente estático (posições do tipo “superior”, “média” ou “inferior”). Em outros termos, as classes sociais são definidas a partir das relações entre os agentes e seus mais diversos tipos de capital, bem como pelos efeitos que a posição de classe exerce sobre suas práticas.

A classe social não é definida por uma propriedade (sequer pela mais determinante, como o volume e a composição do capital), nem por uma coleção de propriedades (sexo, idade, origem social ou étnica – proporção de negros e brancos, por exemplo, ou nativos e imigrantes –, renda, nível educacional, etc.), nem mesmo por uma cadeia de propriedades que decorre de uma propriedade fundamental (posição nas relações de produção) em uma relação de causa e efeito, de condicionante e condicionado; mas pela estrutura das relações entre todas as propriedades pertinentes que confere valor específico a

cada uma delas e aos efeitos que elas exercem sobre as práticas (BOURDIEU, 2007, p. 98)

Para melhor entender a questão da classe social em Pierre Bourdieu, faz-se necessário um olhar atento para a noção de *habitus*, uma vez que as classes se definem em relações simbólicas marcadas pela distinção (BOURDIEU, 2007). São as experiências dos agentes que determinam o chamado *habitus* de classe. Assim, segundo o autor, a classe trabalhadora, por exemplo, congrega uma série de traços comuns como a humildade, a aquiescência, bem como, muitas vezes, um sentimento de incompetência. Conforme Pierre Bourdieu, existe um conformismo lógico, um "sentimento do seu lugar" que representa um ajuste da personalidade dos agentes às condições objetivas e às chances reais de cada grupo social.

Por *habitus* entende-se o acervo repleto de disposições pré-conscientes, que inclui gostos, percepções sobre si mesmo, posturas corporais, habilidades ou “competência prática”. O *habitus* seria, dessa maneira, uma espécie de guia de conduta para os indivíduos, um mapa invisível que elimina o tempo de reflexão e automatiza ações, construindo estilos de vida, modos de ser, pensar e falar. Sendo um mecanismo que unifica as práticas sociais, o *habitus* faz os agentes incorporarem – e naturalizarem – tais práticas a partir dos mais variados processos de socialização. O *habitus* incorpora um conjunto de conhecimentos tácitos, moldando orientações em vários espectros da vida dos indivíduos.

Bourdieu (2007) entende que o vestuário e a linguagem são alguns dos traços distintivos que simbolizam a posição dos indivíduos em um grupo. Contudo, apesar de esses elementos aparecerem como propriedade dos agentes, trata-se de uma natureza culturalmente cultivada. Além disso, para o autor, todo ato de consumo é um ato distintivo, ou seja, uma ação que cria diferenças. De acordo com o autor, as preferências, seja em matéria de alimentação, vestuário ou cosmética, entre outras, são organizadas segundo a mesma estrutura fundamental, ou seja, a do espaço social, determinada tanto pelo volume do capital quanto pela trajetória social dos indivíduos (BOURDIEU, 2007).

É também possível pensar o *habitus* como um coletivo individualizado, visto que cada indivíduo detém uma trajetória singular, obtendo experiências num caminho

específico, distinto. No entanto, os membros de uma mesma classe social estão, em grande medida, sob as mesmas condições de existência. Por isso, “a história do indivíduo nunca é mais do que uma certa especificação da história coletiva de seu grupo ou de sua classe” (BOURDIEU, 1983, p. 80). O *habitus* é inicialmente configurado no interior das relações familiares e, logo depois, nos espaços escolares e de trabalho. Os movimentos de construção do *habitus* são, como já pontuamos, espontâneos, naturalizados, pré-conscientes.

Ao focar a dimensão do *habitus* em suas reflexões sobre as desigualdades, Pierre Bourdieu pensa o conceito de classe social para além de indicadores como escolaridade, profissão, renda e consumo. Evidentemente esses índices são fundamentais para um primeiro mapeamento dos agentes e de suas respectivas classes sociais. Todavia, a formação e a continuação de cada classe são explicadas, na perspectiva desse autor, a partir das dinâmicas do *habitus*. Na sequência do artigo, apresento e discuto brevemente a dimensão discursiva do jornalismo, destacando a questão das vozes.

3. O discurso jornalístico e suas vozes

Pela perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso de linha francesa, a (AD), os indivíduos são marcados social, histórica e ideologicamente³. Por conta de uma série de interpelações e condições de produção (ORLANDI, 2005), tornam-se sujeitos discursivos. Apesar de ser elemento fundamental nos processos discursivos, o sujeito não fala com plena e total liberdade, uma vez que é conformado por condições históricas materiais, pela ideologia, pelo imaginário e pela cultura. Entretanto, mesmo não sendo completamente livre, também não é totalmente determinado. Há, desse modo, sempre uma tensão entre o que constitui o sujeito socialmente e o que ele congrega como ser único (BENETTI, 2016).

³ Cabe aqui ressaltar a distinção ente sujeito e indivíduo. Orlandi (2005, p. 40) elucida que os sujeitos do discurso não são diretamente os sujeitos físicos, nem seus respectivos lugares empíricos na sociedade. Os sujeitos do discurso são, antes de tudo, suas imagens que resultam de projeções, do próprio funcionamento discursivo.

Fundamentalmente dialógico⁴, o discurso jornalístico tem potencial para ser polifônico, contemplando uma diversidade de vozes (pontos de vista). Porém, por conta da própria complexidade de suas condições de produção, nem sempre esse discurso consegue trazer uma multiplicidade de perspectivas. Assim, tende a enveredar para um caminho monofônico, que pode até conter vários indivíduos (fontes), mas sem a necessária multiplicidade de vozes. O conceito de polifonia concebido por Mikhail Bakhtin, filósofo da linguagem, não se refere somente ao aparecimento de diferentes vozes, mas ainda chamada à equipolência entre elas. Trata-se da propriedade relacionada ao fato de as vozes possuírem condições igualitárias de expressão, ou seja, sem a preponderância de uma voz específica.

O jornalismo, pensado aqui em suas dimensões de prática e instituição, avulta-se, em meio a tantos outros discursos sociais, como um espaço privilegiado na construção e circulação de sentidos. Sendo um gênero discursivo particular, o jornalismo congrega como aspectos basilares o dialogismo, a polifonia – em seu ideal democrático –, a opacidade, além do fato de ser produzido em condições de produção e rotinas específicas (BENETTI, 2008, p. 13). Inscrito no domínio do referente, o discurso jornalístico conserva a pretensão de desambiguar o mundo, organizando e ordenando os acontecimentos do cotidiano, como também evidenciando a existência de mais de uma opinião ou explicação acerca de uma dada questão, mas nunca um fato diferente do que foi relatado (MARIANI, 1996, p. 67).

Existe uma exterioridade constitutiva do discurso jornalístico, um processo que é exterior ao produto noticioso. Dela fazem parte o imaginário, a ideologia, a cultura, elementos que ancoram as perspectivas de enunciação das notícias, reportagens e demais materiais produzidos e veiculados pelo jornalismo. Além disso, como elucida Benetti (2008), o discurso jornalístico não existe por si mesmo, mas sempre num espaço entre sujeitos. Tal assertiva indica a irreversível presença da intersubjetividade e a compreensão de que este discurso não contém uma verdade intrínseca ou literalidade. A partir desses pressupostos, a seguir, busco identificar e discutir marcadores de classe social no discurso de uma grande reportagem.

⁴ O dialogismo é um princípio estruturante da linguagem. Logo, todo discurso é essencialmente dialógico, visto que é construindo de maneira intersubjetiva e no bojo do interdiscurso (discursos outros).

4. Gesto interpretativo

A grande reportagem se distingue de outros produtos noticiosos, como a notícia, pelo tratamento dos fatos, além do tempo de ação e do processo de narrar (MEDINA, 1978). Como um relato ampliado do acontecimento ou problemática, a reportagem mostra suas causas, correlações e repercussões (REZENDE, 2000). Pensando especialmente na produção televisiva, Jaspers (1988) explica que a grande reportagem pode se referir a um acontecimento determinado ou a um fenômeno social, tratados em profundidade e a partir de variadas facetas. Sendo tópica e intensiva, a grande reportagem “mostra e faz sobressair um caso, uma situação, um problema particular, com o objetivo de dar a conhecer uma situação ou um fenômeno mais geral” (JESPERS, 1998, p. 168). Esse tipo de matéria costuma apresentar personagens realizando uma ação em lugares e tempos determinados.

Como já pontuei, neste artigo, realizo um gesto interpretativo que intenciona identificar e discutir marcadores de classe social em uma grande reportagem de televisão⁵. Tais marcadores são pensados como núcleos de sentidos que denotam certas características das classes populares. O material analisado com base em contributos da Análise de Discurso e da perspectiva teórica de Pierre Bourdieu consiste numa grande reportagem intitulada *Retratos da pobreza*, veiculada pelo programa *Caminhos da Reportagem*, da TV Brasil. A construção discursiva dessa matéria focaliza a história de indivíduos no sertão nordestino e em favelas de grandes cidades brasileiras.

O *Caminhos da reportagem* vai ao ar semanalmente pela TV Brasil, sendo exibido nas noites de terça-feira, às 22h30min. O programa apresenta grandes reportagens, sendo dividido em três blocos e com duração em torno de 50 minutos. A proposta do *Caminhos da reportagem* é apresentar uma discussão sobre temas e questões atuais e relevantes numa narrativa aprofundada. De acordo com a descrição do site do programa, os jornalistas viajam pelo Brasil e outros países em busca de grandes

⁵ Vale ressaltar que mesmo reconhecendo a importância da dimensão imagética no telejornalismo, nesta pesquisa, meu foco são os dizeres expressos a partir dos *offs* da repórter e das sonoras das fontes (dimensão verbal). Essa separação se dá por conta de uma escolha teórico-metodológica, pois compreendo que a dimensão verbal e imagética se complementam e atuam conjuntamente na produção de sentidos.

histórias, trazendo ao telespectador uma visão diferente, instigante e complexa acerca dos assuntos pautados.

A reportagem *Retratos da Pobreza* foi veiculada em janeiro de 2012 e possui duração de 53 minutos e 41 segundos. O contexto histórico que constitui a matéria denota parte de suas condições de produção. Trata-se do segundo ano do governo de Dilma Rousseff (PT), que chegava ao poder após dois mandados consecutivos do também petista Luís Inácio Lula da Silva (2003 – 2011). Tal período aparece na construção discursiva da reportagem como uma época de diminuição das assimetrias sociais, um momento onde a desigualdade no país foi a menor dos últimos 50 anos. Apesar de uma notável redução da pobreza, o Brasil seguia como uma das nações mais desiguais do mundo. Diante dessa constatação, a reportagem apresenta casos de pobreza extrema persistentes tanto no interior quanto nos centros urbanos do país.

A reportagem tem seu ponto de partida nos dizeres da repórter⁶ que evidenciam a desigualdade social como uma problemática urgente e extremamente atual no Brasil. A tônica do discurso é o sofrimento de pessoas que vivem em situação de miséria. Após expressar dados e definições acerca da pobreza a partir de entidades como a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO - ONU), a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) e o Ministério do Desenvolvimento Social, uma mulher - não creditada pela matéria e cercada por oito crianças – diz: "A pobreza acho que é viver num local desse, sem ter lugar digno para morar." Apesar de ser uma passagem breve na matéria, essa é uma das poucas ocasiões em que a voz das classes populares se circunscreve explicitamente numa posição de definição da pobreza. Outro momento em que essa posição aparece na voz de uma fonte da reportagem é quando a dona de casa Claudia Rodrigues Guimarães diz "A pobreza é não ter o serviço fichado, não ter uma casa boa para você morar."

Ao focalizar o relato da dona de casa Ana Silvia, a reportagem constrói sentidos acerca de uma pobreza que se mostra visível na inexistência de fartura de alimentos básicos: "Aqui é onde eu coloco arroz. Aqui é o café, né, que você tá vendo que ainda

⁶ Além da repórter Fernanda Isidoro, a matéria conta com Fábio Damasceno, Nilton de Martins, Rogério Maia (imagens), Luciano Gomes, Rodrigo de Matos, Ricardo Cruz (técnica), Conchita Rocha (edição), Patrícia Araújo, Alessandra Peruzzo, Eliseu Caetano (produção), Hugo Carmelo (edição de imagem) e Márcio Stuckert (finalização e arte).

tem um restinho. Aqui é o açúcar, que não tem nada. E aqui o trigo que ganhei da igreja”.

Figura 1: Ana Silvia mostra os alimentos disponíveis em sua casa



Na construção discursiva da matéria, há outras reiteraões de sentidos que sinalizam a pobreza a partir do que as pessoas comem no seu cotidiano, como podemos observar no seguinte diálogo entre a repórter e a dona de casa Maria do Espírito Santo.

Repórter – É hora do almoço. O que será que essa família tem pra comer?

Dona Maria – Arroz, o feijão e o peixinho frito, pegado do igarapé que a gente pega mesmo [...].

Repórter – Esse aqui é o prato de quem, já?

Dona Maria – É o meu [...] Fartura a gente não pode botar. O que a gente pode botar mais é água. Geladeira de pobre só é assim, né. A gente tem a vontade de botar o que os filhos da gente precisam, o que a gente precisa, mas a gente não tem condição.

A percepção da dificuldade em manter-se bem alimentado é um dos marcadores de classe mais presentes na construção discursiva da matéria. Outro marcador próximo ao recém citado diz respeito à constatação da estrutura inadequada nas habitações. Em uma das cenas apresentadas, a dona de casa Rosicléia Martins relata sua experiência

como moradora de um local que conta com apenas dois cômodos para um total de seis pessoas. Ao ser questionada pela repórter sobre os buracos no telhado, ela diz “[...] Quando chove a noite balança muito. A gente fica com medo da casa cair e fica acordado. O único lugar que não molha muito é na sala e daí as vezes a gente corre pra sala.”.

Em outro momento da matéria, a dona de casa Marilene Santos também fala sobre a falta de estrutura de sua moradia: "Tive que arrumar um sofá porque a gente não pode dormir no chão. Tem rato. Passa rato". Esses indivíduos apresentados pela reportagem apresentam sonhos, interesses e comportamentos circunscritos na urgência do cotidiano. Como assinala Bourdieu (2007), a necessidade impõe um gosto de necessidade que resulta num modo de adaptação e aceitação do necessário e de resignação ao inevitável. Se por um lado, a precária estrutura das casas é evidenciada pela reportagem como uma das principais faces da desigualdade social, por outro, há vezes que enxergam sua moradia como uma conquista, um bem material precioso e que merece toda atenção e cuidado. O diálogo entre a dona de casa Raimunda Antônia Ferreira e a repórter exemplifica uma reiteração de sentidos que valoriza os bens e atividades mais simples na vida das pessoas em situação de pobreza.

Raimunda – Antes a gente morava numa casinha de palha, só que de taipa também. Aí essa daqui é tudo. Aí eu procuro organizar tudo porque não tem telha. E aí a gente vai organizando, ajeitando.

Repórter – O que que você gosta de arrumar, assim?

Raimunda – Minha cozinha, minhas vasilhas, limpar tudinho. Organizar, colocar as flores. Limpar tudo. Aí fica bonitinho. Sei lá. Eu acho e acho que outras pessoas também né, acham bonito e gostam.

Repórter – É linda a sua casa, não é?

Raimunda – Eu acho.

A *valorização de bens e da rotina* como limpar e organizar a casa, configura-se como outro marcador de classe nas vozes do discurso tecido pela reportagem. Nesse marcador, os sentidos reiteram a importância de objetos básicos e atividades cotidianas, evidenciando não somente um certo conformismo, mas ainda sentimentos como a felicidade e gratidão por estar vivo. Em um dos trechos da matéria, Claudia Maria Moraes Ramos relata suas dificuldades como catadora de lixo. Mesmo com as adversidades, em pleno trabalho ela diz: “A gente pobre sofre, mas a gente é feliz.”. Neste universo social, as possibilidades de ascensão e mudança se mostram mais fechadas para as classes populares. Se constrói, assim, como observa Bourdieu (2007), um efeito de clausura, onde não há outro estilo de vida possível, nem outra linguagem.

Outra fonte, chamada Raimunda Aragão, valoriza a pescaria, atividade que consome quase integralmente seu cotidiano. Ao ser perguntada pela repórter sobre a pesca do dia, ela responde: “Foi. Foi boa! [...] Tem onze. Aí dá de fazer a janta hoje. Nós somos quatro em casa. A gente faz a janta. Aí amanhã pesca de novo. É o serviço que a gente tem aqui [...]”. Tais cenas são exemplos de como os indivíduos expressam, seu lugar social ao ordenarem seus bens e atividades. Dessa maneira, reproduzem estilos de vida, um *habitus* de classe (BOURDIEU, 2007).

Figura 2: Raimunda Aragão relata sua rotina como pescadora



A reportagem possui ainda o marcador de classe *conformismo com os limites de oportunidades*, que pode ser observado nos dizeres de Francisca Da Conceição da Silva: “Agora eu mesma, a minha pessoa, eu não ganho dinheiro porque eu não tenho como sair pra trabalhar pra fora porque eu carrego água, eu trabalho na roça, eu cuido dos

bichos, eu cuido dos meu filhos, da minha casa. Daí não tenho como trabalhar pra fora”. Esse marcador aparece em outros momentos da reportagem como, por exemplo, quando o pescador Virgino Costa diz: "Tenho, mas o que a gente vai fazer?", evidenciando seu medo por morar numa região de risco.

Muitos dos casos trazidos pela reportagem mostram uma ação: a pescaria, a lavagem de roupas, o trabalho na roça ou no lixão, entre outros. Para além dos corpos dos sujeitos, as suas vozes destacam atividades e comportamentos de um *habitus* de classe. Na maioria das vezes, os dizeres das fontes das classes populares ocupam posições de descrição, ilustração e lamentação. Os dizeres do pescador Antônio inserem-se nessa série de posições: “Aí eu pego um quilo de peixe, dois quilos, eu pego até oito quilos, no dia que dá. O dia que não dá eu só pego um quilo”. Outra voz que exemplifica essas posições discursivas é a do agricultor Pedro Jatobá: “Aqui só planta quem é teimoso porque a seca é braba [...] Tem anos que a gente tira bastante coisa [...], mas do ano passado pra cá não se tirou nada”.

Em poucos trechos da reportagem os dizeres das fontes da classe popular ocupam uma posição mais analítica acerca da pobreza. Ao falar sobre a época em que seu pai e tio morreram por conta da escravidão, Gilberto José de Macedo, pres. Associação do Quilombo Escondido (PI), mesmo que brevemente, analisa: [...] É pouco os negros fazendeiros. Sempre fazendeiros mesmo são os brancos. [...] Agora só que hoje quase todo negro tem umas coisinhas. Mas de primeiro não criava, não tinha como. E hoje melhorou um pouquinho”.

Figura 3: Gilberto José de Macedo analisa a pobreza entre os negros



As fontes das classes populares – apresentados pela reportagem como pessoas em situação de pobreza ou extrema pobreza (miséria) – prevalecem na construção discursiva da matéria. Algumas dessas pessoas, aliás, aparecem em mais de uma cena/sonora. As outras fontes destacadas são: Norma Ferreira, gestora do Bolsa Família no estado do Maranhão; Aldenice Diniz, assistente social da cidade Junco do Maranhão; Pedro Herculano, pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea); Marcelo Neri, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV); Jurema Werneck, coordenadora da ONG Criola; Ana Fonseca; secretária de Combate à Extrema Pobreza; e Dagmar Garroux, presidente da Casa do Zezinho. Diferentemente das vozes das fontes das classes populares que, em grande medida, estão inscritas em posições de descrição, ilustração e lamentação, as outras fontes ocupam posições mais ligadas à definição, decisão, opinião, análise, saber e poder.

5. Considerações finais

Os discursos dominantes – incluindo aí, muitas vezes, construções discursivas operadas pelo jornalismo – não costumam negar a existência das desigualdades e, conseqüentemente, das classes sociais. No entanto, historicamente tendem a mascarar suas reais origens. Esse mascaramento nem sempre é intencional, uma vez que o próprio discurso é constituído por uma trama de saberes, poderes, vozes, sentidos e esquecimentos de várias ordens. Na perspectiva de Pierre Bourdieu, o fator renda (capital econômico) é antes um efeito do que uma causa concreta das assimetrias entre pobres e ricos. A dimensão econômica, que indica não apenas a soma de rendimentos, mas também escolaridade, ocupação e consumo, é resultado de uma complexa gênese sociocultural das classes. Pelo ciclo do tempo, se desenrola uma contínua transferência de códigos e valores imateriais que permite a reprodução de cada classe social. Muitos desses códigos e valores acabam por manter e naturalizar desamparos e privilégios notadamente injustos.

Embora a reportagem *Retratos da Pobreza* não apresente uma abordagem que denote a complexidade das origens estruturais da desigualdade social no Brasil, tal construção discursiva é exitosa em tratar o assunto predominantemente a partir das vozes dos próprios afetados pela questão em pauta. Embasado nas lentes teóricas de Pierre Bourdieu e em contributos da Análise de Discurso, empreendi um gesto interpretativo que identificou e discutiu marcadores de classe social nas vozes do discurso da referida reportagem. Os marcadores *percepção da dificuldade em manter-se bem alimentado; constatação da estrutura inadequada nas habitações; valorização de bens básicos e da rotina; e conformismo com os limites de oportunidades* sinalizam algumas das formas como o *habitus* das classes populares é reproduzido discursivamente. No âmago dessas reproduções, estão inscritos gostos, interesses, preferências, aptidões, valores, estilos de vida, enfim, formas de ser, pensar e falar internalizados desde a infância dos indivíduos.

Além da identificação e compreensão dos marcadores de classe social, o gesto interpretativo também verificou a recorrência de determinadas posições discursivas ocupadas pelas pessoas em situação de pobreza. No discurso jornalístico analisado, os sujeitos mais pobres falam principalmente a partir de lugares de descrição, ilustração e lamentação. Em poucos momentos da reportagem, as classes populares têm seus dizeres vinculados à posições propositivas, explicativas e analíticas. Essa constatação sinaliza a necessidade de mais pesquisas acerca das posições discursivas ocupadas pelos mais diversos sujeitos no jornalismo. Uma das maneiras para tentar compreender essas disparidades de lugares no discurso jornalístico pode ser a realização de um estudo crítico sobre o ato da entrevista. Afinal, os dizeres das fontes de informação também são constringidos e delimitados pelas perguntas feitas pelos jornalistas.

Referências

BAKHTIN, Mikhail M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BENETTI, Marcia. **Análise de discurso como método de pesquisa em comunicação**. In: MOURA, Cláudia Peixoto de Moura; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (Org.)

Pesquisa em comunicação – métodos e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2016.

BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. **Galáxia** (PUCSP), São Paulo, v. 15, p. 13- 28, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**. In: ORTIZ, Renato. Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-81

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999

JESPERS, Jean-Jacques. **Jornalismo televisivo: princípios e métodos**. Coimbra: Minerva, 1998.

MARIANI, B. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

REGO, Walquíria Leão; PINZANI, Alessandro. **Vozes do Bolsa Família: autonomia, dinheiro e cidadania**. São Paulo: Unesp, 2013.

REZENDE, Guilherme J. **Telejornalismo no Brasil**. São Paulo: Summus, 2000.